

PARTE UM

AS CINZAS

1

Olho para os meus sapatos, observando a fina camada de cinza pousar na pele gasta. Era aqui que estava a cama que eu partilhava com a Prim, a minha irmã. Ali ficava a mesa da cozinha. Os tijolos da chaminé, que caíram numa pilha tisonada de carvão, fornecem um ponto de referência para o resto da casa. De que outro modo poderia orientar-me neste mar cinzento?

Não resta quase nada do Distrito 12. Há um mês, as bombas incendiárias do Capitólio destruíram as casas pobres dos mineiros no Jazigo, as lojas na cidade, até a Casa da Justiça. A única zona que escapou à incineração foi a Aldeia dos Vencedores. Não sei bem porquê. Talvez para que alguém obrigado a deslocar-se aqui ao serviço do Capitólio tivesse um lugar decente para ficar. Um ou outro jornalista. Uma comissão para avaliar o estado das minas de carvão. Um pelotão de Soldados da Paz para controlar o regresso de refugiados.

Mas ninguém regressou, só eu. E apenas para uma breve visita. As autoridades do Distrito 13 opunham-se ao meu regresso. Viam-no como um empreendimento inútil e dispendioso, já que pelo menos uma dúzia de aeronaves invisíveis circula no céu para me proteger e não há informações secretas a recolher. Mas eu tinha de o ver. De tal modo que fiz disso uma condição para colaborar com quaisquer dos seus planos.

Por fim, o Plutarch Heavensbee, o Chefe dos Produtores dos Jogos que organizara os rebeldes no Capitólio, lançou as mãos ao ar. — Deixem-na ir. É melhor perdermos um dia do que mais um mês. Talvez uma pequena excursão pelo Doze seja exatamente o que ela precisa para se convencer de que estamos do mesmo lado.

O mesmo lado. Sinto uma pontada na fonte esquerda e pressiono a testa com a mão. Precisamente no lugar onde a Johanna Mason me atin-

giu com a bobina de fio. As recordações rodopiam na minha cabeça enquanto tento distinguir o verdadeiro do falso. Que sequência de acontecimentos me levou a estar nas ruínas da minha cidade? Isto é difícil, porque os efeitos da concussão não desapareceram completamente e os meus pensamentos ainda têm tendência para se baralhar. Além disso, acho que os medicamentos que eles usam para controlar as minhas dores e o meu humor às vezes fazem-me ver coisas. Ainda não estou inteiramente convencida de que estava a alucinar na noite em que o chão do meu quarto de hospital se transformou num tapete de serpentes.

Costumo usar uma técnica sugerida por um dos médicos. Começo com as coisas mais simples, as que eu sei que são verdadeiras, e depois avanço para as mais complicadas. A lista começa a desenrolar-se na minha cabeça...

O meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezassete anos. Sou do Distrito 12. Participei nos Jogos da Fome. Consegui escapar. O Capitólio odeia-me. O Peeta foi capturado. Julga-se que esteja morto. O mais provável é que esteja morto. Talvez seja melhor que esteja morto...

— Katniss. Queres que eu desça? — A voz do Gale, o meu melhor amigo, chega-me através dos auscultadores que os rebeldes me obrigaram a usar. Ele está lá em cima na aeronave, observando-me atentamente, pronto para descer se alguma coisa correr mal. Percebo que estou agachada agora, com os cotovelos sobre as coxas, a cabeça entre as mãos. Deve parecer que estou à beira de um colapso. Não pode ser. Logo agora que eles estão finalmente a desabituar-me dos medicamentos.

Endireito-me e aceno-lhe com a mão, rejeitando a sua ajuda. — Não. Estou bem. — Para reforçar o que digo, começo a afastar-me da minha velha casa e a dirigir-me para a cidade. O Gale pediu para ser largado no 12 comigo, mas não insistiu quando recusei a sua companhia. Ele compreende que não quero ninguém comigo hoje. Nem mesmo ele. Há certas caminhadas que temos de fazer sozinhos.

O verão tem estado extremamente quente e seco. Não houve quase chuva nenhuma para perturbar os montes de cinza deixados pelo ataque. Agora deslizam de um lado para o outro quando passo. Não há brisa para os dispersar. Não tiro os olhos do que me lembro ser a estrada, porque quando aterrei no Prado não tive cuidado e tropecei logo numa pedra. Só que não era uma pedra — era o crânio de alguém. Começou a rebolar e parou de rosto para cima, e durante muito tempo não consegui tirar os olhos dos dentes, perguntando-me de quem seriam, imaginando que os meus provavelmente teriam o mesmo aspeto em circunstâncias semelhantes.

Mantenho-me na estrada por uma questão de hábito, mas é um erro, porque ela está cheia dos restos mortais dos que tentaram fugir. Alguns

ficaram completamente incinerados. Mas outros, talvez vencidos pelo fumo, escaparam ao pior das chamas e agora jazem em vários estados de decomposição, tresandando e cobertos de moscas, carne podre para necrófagos. *Fui eu que te matei*, penso ao passar por um monte. *E a ti. E a ti.*

Porque fui. Foi a minha flecha, lançada à falha no campo elétrico que cobria a arena, que provocou esta tempestade de fogo e vingança. Que lançou Panem inteiro no caos.

Na minha cabeça oiço as palavras do presidente Snow, proferidas na manhã em que começou o Passeio da Vitória. «*Katniss Everdeen, a rapariga em chamas, lançou uma faísca que, se não for contida, poderá tornar-se um inferno que destruirá Panem.*» Afinal ele não estava a exagerar, nem a tentar assustar-me. Talvez estivesse, sinceramente, a tentar conseguir a minha ajuda. Mas eu já tinha posto em movimento algo que não era capaz de controlar.

Em chamas. Ainda em chamas, penso, aturdida. Ao longe, os incêndios nas minas de carvão continuam a lançar fumo preto para o ar. Mas já não há ninguém que se importe. Mais de noventa por cento da população do distrito morreu. Os restantes, cerca de oitocentos, são refugiados no Distrito 13 — o que, no meu entender, equivale a ser desterrado para sempre.

Eu sei que não devia pensar assim; sei que devia sentir-me grata pela maneira como fomos acolhidos. Doentes, feridos, esfomeados, de mãos a abanar. Mesmo assim, nunca conseguirei esquecer-me de que o Distrito 13 contribuiu para a destruição do 12. Isso não me isenta de culpa — há muita culpa por distribuir. Mas sem eles não teria feito parte de uma conspiração maior para derrubar o Capitólio, nem teria tido os meios para o fazer.

Os cidadãos do Distrito 12 não tinham qualquer movimento de resistência organizado. Não tinham uma palavra a dizer sobre o assunto. Tinham apenas o azar de me ter a mim. Alguns sobreviventes, porém, acham que é uma sorte verem-se finalmente livres do Distrito 12. Terem escapado à fome e à opressão sem fim, às perigosas minas, ao chicote do nosso último comandante dos Soldados da Paz, o Romulus Thread. O facto de termos um novo lugar para viver é encarado como um milagre, visto que, até há bem pouco tempo, nem sequer sabíamos que o Distrito 13 ainda existia.

A honra pela fuga dos sobreviventes recaiu toda sobre os ombros do Gale, embora ele se recuse a aceitá-la. Assim que terminou o Quarteirão — logo que eu fui retirada da arena —, a eletricidade no Distrito 12 foi cortada, as televisões apagaram-se e o Jazigo tornou-se tão silencioso que as pessoas podiam ouvir o coração umas das outras. Ninguém fez nada para protestar ou festejar o que tinha acontecido

na arena. No entanto, em menos de quinze minutos, o céu encheu-se de aeronaves e as bombas começaram a cair.

Foi o Gale que pensou no Prado, um dos poucos lugares livres das velhas casas de madeira impregnadas de pó de carvão. Levou todos os que pôde para lá, incluindo a minha mãe e a Prim. Organizou a equipa que derrubou a vedação — então apenas uma barreira inofensiva de arame, com a eletricidade desligada — e conduziu as pessoas para o bosque. Levou-as para o único lugar em que conseguiu pensar, o lago que o meu pai me mostrara quando eu era criança. E foi desse lugar que viram as chamas distantes engolir tudo o que conheciam no mundo.

De madrugada, os bombardeiros já tinham partido, os incêndios extinguiram-se, os últimos retardatários eram acomodados. A minha mãe e a Prim tinham montado um acampamento médico para os feridos e tentavam tratá-los com tudo o que conseguiam colher do bosque. O Gale tinha dois conjuntos de arcos e flechas, uma faca de caça, uma rede de pesca e mais de oitocentas pessoas aterrorizadas para alimentar. Com a ajuda dos mais fortes, aguentaram-se durante três dias. E foi então que surgiu inesperadamente a aeronave para evacuá-los para o Distrito 13, onde existiam compartimentos brancos e limpos mais do que suficientes, roupa em abundância e três refeições por dia. Os compartimentos tinham o inconveniente de serem subterrâneos, as roupas eram todas iguais e a comida relativamente insípida, mas para os refugiados do 12 estas eram considerações de somenos importância. Estavam fora de perigo. Estavam a ser tratados. Estavam vivos e foram recebidos com entusiasmo.

Esse entusiasmo foi interpretado como generosidade. No entanto, um homem chamado Dalton, refugiado do Distrito 10 que conseguira chegar ao 13 a pé uns anos antes, revelou-me o verdadeiro motivo. — Eles precisam de ti. De mim. Precisam de todos nós. Há uns tempos, houve uma epidemia de varicela que matou uma data deles e deixou muitos outros estéreis. Mais gado destinado à reprodução. É como eles nos veem. — No Distrito 10, ele tinha trabalhado numa das fazendas de gado, preservando a diversidade genética das manadas com a implantação de embriões congelados. É muito provável que tenha razão acerca do 13, porque as crianças parecem realmente poucas. Mas, e depois? Não nos prenderam em gaiolas, estamos a ser treinados para diversos trabalhos, as crianças estão a receber educação. Os maiores de catorze anos são integrados no exército em postos subalternos e tratados respeitosamente por «soldado». As autoridades do 13 concederam a todos os refugiados a cidadania automática.

Apesar disso, odeio-os. Mas, claro, odeio quase toda a gente agora. A mim própria, mais do que todos.

A superfície debaixo dos meus pés endurece e, sob o tapete de cinza, sinto os paralelepípedos da praça. Em volta do perímetro, onde antes existiam lojas, há agora uma bordadura de entulho. Um monte de escombros enegrecidos tomou o lugar da Casa da Justiça. Dirijo-me para o local aproximado da padaria que pertencia à família do Peeta. Pouco resta agora, tirando o vulto derretido do forno. Os pais do Peeta, os dois irmãos mais velhos — nenhum deles conseguiu chegar ao 13. Menos de uma dúzia dos que passavam por ricos no Distrito 12 escaparam aos fogos. De qualquer maneira, o Peeta não teria nada a que regressar. Exce- tuando eu...

Afasto-me da padaria e tropeço em qualquer coisa, desequilibro-me e dou por mim sentada num pedaço grande de metal aquecido pelo sol. Pergunto-me o que poderia ter sido, depois lembro-me das recentes inovações de Thread na praça. Cadeias, postes para a pena do chicote, e isto, os restos da força. Mau. Isto é mau. Convoca a torrente de imagens que me atormentam, quer esteja acordada quer a dormir. O Peeta sendo torturado — com choques elétricos, asfixiado, queimado, lacerado, mutilado, espancado — enquanto o Capitólio tenta extrair-lhe informações sobre a rebelião que ele não sabe. Cerro os olhos com força e tento alcançá-lo através das centenas de quilómetros, enviar-lhe os meus pensamentos, dizer-lhe que não está sozinho. Mas está. E eu não posso ajudá-lo.

Corro. Para longe da praça, em direção ao único lugar que o fogo não destruiu. Passo pelos destroços da casa do governador, onde vivia a minha amiga Madge. Não há notícias dela nem da família. Teriam sido levados para o Capitólio por causa do cargo do pai ou abandonados às chamas? As cinzas erguem-se em vagas à minha volta. Levanto a bainha da camisa e tapo a boca. Não é o que poderei estar a respirar, mas quem, que ameaça sufocar-me.

O relvado foi queimado e a neve cinzenta também caiu aqui, mas as doze elegantes casas da Aldeia dos Vencedores permanecem incólumes. Entro rapidamente na casa onde vivi durante o último ano, bato com a porta e encosto-me a ela. A casa parece intacta. Limpa. Estranhamente silenciosa. Porque regressei ao Distrito 12? Como pode esta visita ajudar-me a responder à pergunta a que não consigo escapar?

— O que é que eu vou fazer? — murmuro para as paredes. Porque, na verdade, não sei.

As pessoas não param de falar comigo. O Plutarch Heavensbee. A sua assistente calculista, a Fulvia Cardew. Vários líderes distritais. Oficiais do exército. Mas não a Alma Coin, a presidente do 13, que apenas olha para mim. Ela deve ter cerca de cinquenta anos. O cabelo grisalho cai-lhe como uma lâmina direita sobre os ombros. Sinto-me algo fascinada com

o cabelo dela, por ser tão uniforme, tão impecável, sem uma madeixa fora do lugar, nem mesmo uma ponta espigada. Os olhos são cinzentos, mas não como os das pessoas do Jazigo. São muito pálidos, como se quase toda a cor lhes tivesse sido sugada. A cor de neve suja que desejamos ver derreter e desaparecer.

O que eles querem é que eu assuma verdadeiramente o papel que conceberam para mim. O símbolo da revolução. O Mimo-gaio. Não basta o que fiz no passado, desafiando o Capitólio nos Jogos, fornecendo-lhes um ponto de união. Agora tenho de me tornar a líder, o rosto, a voz, a personificação efetiva da revolução. A pessoa em que os distritos — a maioria dos quais se encontra agora em guerra aberta com o Capitólio — podem contar para iluminar o caminho para a vitória. Não terei de o fazer sozinha. Eles têm toda uma equipa de pessoas para me tratar do visual, para me vestir, escrever os meus discursos, orquestrar as minhas aparições — como se *isso* já não me parecesse horrivelmente familiar — e eu só tenho de desempenhar o meu papel. Às vezes escuto-os, outras olho apenas para a linha perfeita do cabelo de Coin e tento decidir se é uma peruca. Por fim, saio da sala, porque começa a doer-me a cabeça ou porque está na hora de comer ou porque se não for apanhar ar puro poderei começar a gritar. Nem me dou ao trabalho de avisar. Levanto-me e saio, simplesmente.

Ontem à tarde, quando a porta se fechava atrás de mim, ouvi a Coin dizer: «Eu disse-vos que devíamos ter salvo o rapaz primeiro», referindo-se ao Peeta. Eu não podia estar mais de acordo. Ele teria sido um excelente porta-voz.

E quem é que tiraram da arena primeiro, em vez dele? Eu, que não colaboro. E o Beetee, um inventor mais velho do 13 que raramente vejo porque foi transferido para o programa de desenvolvimento de armamento assim que conseguiu sentar-se direito. Literalmente, empurraram a sua cama de hospital para uma zona ultrassecreta e agora ele só aparece de vez em quando para as refeições. É uma pessoa muito inteligente, com grande vontade de ajudar a causa, mas não alguém capaz de provocar faíscas. Depois há o Finnick Odair, o símbolo sexual do distrito das pescas, que salvou a vida do Peeta na arena quando eu não fui capaz. Também querem transformar o Finnick num líder rebelde, mas primeiro terão de conseguir que ele fique acordado durante mais de cinco minutos. Mesmo quando está consciente, temos de lhe dizer tudo três vezes para lhe chegarmos ao cérebro. Os médicos dizem que é do choque elétrico que ele apanhou na arena, mas eu sei que é muito mais complicado do que isso. Sei que o Finnick não consegue concentrar-se em nada no 13 porque se esforça demasiado por saber o que está a acontecer no Capitólio à Annie, a rapariga louca do Distrito 4 que é a única pessoa no mundo que ele ama.

Embora com sérias reservas, tive de perdoar o Finnick pelo seu papel na conspiração que me trouxe para aqui. Ele pelo menos faz alguma ideia daquilo por que estou a passar. E é preciso demasiada energia para continuar zangada com alguém que chora tanto.

Atravesso o rés do chão com passos de caçador, não querendo fazer barulho. Recolho algumas lembranças: uma fotografia dos meus pais no dia do casamento, uma fita azul para o cabelo da Prim, o livro de plantas comestíveis e medicinais da família. O livro cai e abre-se numa página com flores amarelas, e fecho-o rapidamente porque foi o pincel do Peeta que as pintou.

O que é que eu vou fazer?

Valerá a pena fazer o que quer que seja? A minha mãe, a minha irmã e a família do Gale estão finalmente fora de perigo. Quanto às outras pessoas do 12, ou estão mortas, o que é irreversível, ou protegidas no 13. Restam os rebeldes nos distritos. É óbvio que odeio o Capitólio, mas não acredito que a minha transformação em Mimo-gaio vá ajudar aqueles que lutam para o derrubar. Como posso ajudar os distritos quando sempre que faço alguma coisa provoço sofrimento e perda de vidas? O velhote abatido a tiro no Distrito 11 por ter assobiado. A repressão no 12 depois de me intrometer no castigo do Gale. O meu estilista, o Cinna, sendo arrastado, ensanguentado e inconsciente, da Sala de Lançamento antes dos Jogos. As fontes do Plutarch acreditam que ele foi morto durante um interrogatório. O inteligente, enigmático e adorável Cinna está morto por minha causa. Afasto o pensamento da cabeça, porque é demasiado doloroso para remoer sem perder completamente o meu frágil domínio sobre a realidade.

O que é que eu vou fazer?

Tornar-me o Mimo-gaio... poderá qualquer bem que eu faça prevalecer sobre os prejuízos? Com quem posso contar para me responder a esta pergunta? Certamente não com aquela equipa do 13. Juro, agora que a minha família e a do Gale estão fora de perigo, era capaz de fugir! Se não tivesse ainda um assunto por resolver. O Peeta. Se tivesse a certeza de que ele tinha morrido, podia simplesmente desaparecer no bosque e nunca mais olhar para trás. Mas até ter a certeza, estou presa.

Viro-me de repente ao ouvir um resmoneio. À porta da cozinha, de costas arqueadas e orelhas baixas, está o gato mais feio do mundo. — *Ranúnculo* — digo. Milhares de pessoas morreram, mas ele sobreviveu e até parece bem alimentado. De quê? Ele pode entrar e sair de casa através de uma janela que deixávamos sempre entreaberta na despensa. Deve ter andado a comer ratos-do-campo. Recuso-me a admitir a alternativa.

Agacho-me e estendo uma mão. — Vem cá, bicho. — É pouco provável. Está zangado por ter sido abandonado. Além disso, não lhe estou a oferecer comida, e a minha capacidade de lhe fornecer restos foi sempre para ele a minha principal qualidade redentora. Durante uns tempos, quando costumávamos encontrar-nos na casa antiga, porque não gostávamos da nova, parecíamos estar a criar uma espécie de laço afetivo. Isso obviamente acabou. Ele pisca aqueles olhos amarelos antipáticos.

— Queres ver a Prim? — pergunto. O nome dela desperta-lhe a atenção. Além do seu próprio nome, é a única palavra que lhe diz alguma coisa. Solta uma miadela mal-humorada e aproxima-se de mim. Pego nele ao colo, acariciando-lhe o pelo. Depois vou ao armário, procuro o meu saco de caça e, sem cerimónias, meto o *Ranúnculo* lá dentro. Não há outra maneira de poder levá-lo na aeronave e ele é inestimável para a minha irmã. A cabra dela, a *Lady*, um animal de valor efetivo, infelizmente não apareceu.

Através dos auscultadores oiço a voz do Gale dizer-me que temos de voltar. Mas o saco de caça fez-me lembrar outra coisa. Penduro-o nas costas de uma cadeira e subo a correr os degraus para o meu quarto. Dentro do roupeiro está o casaco de caça do meu pai. Antes do Quarteirão, trouxe-o da casa velha para aqui, achando que a sua presença pudesse servir de consolo à minha família quando eu estivesse morta. Ainda bem que o trouxe, senão agora estaria em cinzas.

A sua pele macia acalma-me e, por um momento, recordo tranquilamente as horas que passei envolta no casaco. Depois, inexplicavelmente, as palmas da minha mão começam a transpirar. Uma sensação estranha começa a subir-me pela nuca. Volto-me de repente para encarar o quarto e descubro-o vazio. Arrumado. Tudo no seu lugar. Não há ruídos para me assustar. O quê, então?

Torço o nariz. É o cheiro. Doce e artificial. Uma mancha branca espreira de uma jarra de flores secas no toucador. Aproximo-me dela com passos cautelosos. Ali, quase escondida entre o ramo seco, está uma rosa branca ainda fresca. Perfeita. Até ao último espinho e pétala sedosa.

E sei imediatamente quem a enviou.

O presidente Snow.

Quando começo a engasgar-me com o cheiro, recuo e fujo do quarto. Há quanto tempo está ali? Um dia? Uma hora? Os rebeldes fizeram um reconhecimento da Aldeia dos Vencedores antes de me autorizarem a vir, procurando explosivos, escutas, qualquer coisa fora do vulgar. Mas talvez a rosa não lhes parecesse digna de atenção. Só eu lhe daria importância.

No andar de baixo, arranco o saco de caça da cadeira e arrasto-o pelo chão até me lembrar do que está lá dentro. No relvado, gesticulo freneticamente para a aeronave enquanto o *Ranúnculo* se debate no saco. Dou-

-lhe uma cotovelada, mas isso deixa-o apenas mais furioso. Uma aeronave surge por cima de nós e deixa cair uma escada. Subo para o primeiro degrau e a corrente elétrica imobiliza-me até eu entrar a bordo.

O Gale ajuda-me a sair da escada. — Estás bem?

— Estou — respondo, limpando o suor da cara com a manga da camisa.

Ele deixou-me uma rosa!, quero gritar, mas este não é o tipo de informação que deva partilhar com alguém como o Plutarch a olhar. Sobretudo porque me fará parecer louca. Como se ou a tivesse imaginado, o que é perfeitamente possível, ou estivesse a reagir com exagero, o que me assegurará uma viagem de regresso ao país dos sonhos induzidos pelas drogas do qual tanto me tenho esforçado por escapar. Ninguém compreenderá que não é apenas uma flor, nem apenas a flor do presidente Snow, mas uma promessa de vingança, porque mais ninguém estava no escritório quando ele me ameaçou antes do Passeio da Vitória.

Colocada no meu toucador, aquela rosa branca como a neve é um recado pessoal. Fala de um assunto por resolver. Murmura: *Eu consigo encontrar-te. Consigo chegar a ti. Talvez até te esteja a ver neste momento.*